

## **De afetos e de memórias: o consumo do telefone celular como “tecnologia afetiva”**

Sandra Rubia da Silva<sup>1</sup>

### **Resumo**

Neste artigo, que filia-se teoricamente aos estudos do consumo como cultura material tal como desenvolvidos, especialmente, por Miller (1987; 2010), a proposta é analisar o consumo de telefones celulares em sua intersecção com dinâmicas sociais relacionadas especialmente às categorias de gênero e geração. O outro eixo teórico no qual se apóia este artigo é a discussão feita por autores como Lasen (2004) e, mais recentemente, Fortunati e Vincent (2009) que apontam para o consumo do celular como uma “tecnologia afetiva” – na qual os consumidores desenvolvem uma relação emocional com seus celulares e com o conteúdo neles armazenado - que engendra “emoções eletrônicas” – emoções que, ao serem vividas ou descobertas através de tecnologias de comunicação e informação como os telefones celulares, são amplificadas, construídas ou reinventadas. Nesse sentido, a questão-problema do artigo é: como as práticas de consumo relacionadas aos telefones celulares influenciam as emoções vividas na relação entre pais e filhos, e entre homens e mulheres, na comunidade pesquisada? Assim, preocupo-me em investigar quais investimentos emocionais os agentes sociais expressam através do consumo de telefones celulares, bem como analisar como as emoções mudam quando mediadas por essa tecnologia móvel. Através das análises, espera-se tanto realçar a riqueza e complexidade das dimensões materiais e simbólicas envolvidas nos processos cotidianos de consumo, como iluminar o estudo de práticas de consumo entre um segmento ainda pouco estudado: os grupos populares.

**Palavras-chave:** consumo; telefones celulares; emoções.

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da UTP- PR (Universidade Tuiuti do Paraná). E-mail: [sandraxrubia@gmail.com](mailto:sandraxrubia@gmail.com)

## 1 – Introdução: as emoções mediadas pelo consumo de telefones celulares

Em algum momento de 2010, prevê a UIT (União Internacional de Telecomunicações) o número de celulares em operação no mundo deverá chegar a cinco bilhões, o que os tornam a tecnologia de mais rápida difusão na história da humanidade. Entretanto, o tema do consumo do telefone celular e seus desdobramentos nas relações sociais é objeto de estudo recente na academia. Em especial no universo acadêmico anglo-saxão, as intersecções desta tecnologia móvel com o mundo social a partir de uma perspectiva sociológica, antropológica ou mesmo filosófica têm se consolidado como objeto fecundo de pesquisa, como mostram, entre outros, os livros de Manuel Castells *et al.* (2007), um estudo comparativo global sobre os impactos socioculturais e econômicos do celular em países desenvolvidos e em desenvolvimento; a coletânea de Ito, Okabe e Matsuda (2005), sobre a tecnocultura japonesa; ou a etnografia de Horst e Miller (2006) sobre as práticas de consumo de telefones celulares entre grupos populares na Jamaica. No caso brasileiro, em abril de 2010 o país ultrapassou a marca de 180 milhões de assinaturas de telefonia celular, dos quais mais de 80% usam o sistema pré-pago. Tais dados apontam para a rápida disseminação dos celulares entre as camadas populares.<sup>2</sup>

Se os estudos a respeito dos telefones celulares são recentes, mais ainda o são as tentativas de análise em torno do papel do consumo de telefones celulares na mediação de emoções entre os agentes sociais. Nesse sentido, Lasen (2004) avança uma proposição, a meu ver, bastante útil para pensar as relações pessoa-objeto no domínio das tecnologias de comunicação e informação. Para Lasen, é rentável analiticamente pensar o telefone celular como uma “tecnologia afetiva” – na qual os agentes sociais tendem a manter um relacionamento emocional com seus aparelhos de telefone celular e, mais ainda, com o conteúdo neles armazenado. Tal relacionamento afetivo ocorre não somente porque os telefones celulares são tecno-objetos que permanecem a maior parte do tempo próximos do corpo humano, tornando-se dele uma extensão; mas também porque o conteúdo armazenado ou que passa pelos telefones celulares – mensagens, fotos, vídeos, e mesmo o conteúdo das conversas telefônicas – guarda na maior parte das vezes uma carga emocional elevada. Assim, os telefones celulares tornam-se “[...]”

---

<sup>2</sup> Embora fenômeno relativamente recente, o consumo de celulares influencia fortemente sua vida social, como pude constatar ao longo de doze meses de trabalho de campo em um bairro de camadas populares em Florianópolis – SC, que resultaram na tese “Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular”, defendida em abril de 2010 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

objetos que medeiam a expressão, mostra, experiência e comunicação de sentimentos e emoções. Os usuários possuem um relacionamento emocional com seus telefones e sentem-se ligados à eles”. (LASEN, 2004, p. 1).<sup>3</sup>

Buscando avançar na discussão sobre a mediação das emoções através das tecnologias de comunicação e informação, busco neste artigo, através da análise de casos etnográficos a respeito do consumo de telefones celulares em um bairro de camadas populares, mapear instâncias das dinâmicas sociais, especialmente em termos de gênero e geração, nas quais tais mediações se fazem presentes. Nesse sentido, penso que a noção de “emoções eletrônicas”, proposta por Fortunati e Vincent (2009), constitui o primeiro esforço, embora importante, de explorar um campo que por ora está em sua infância – qual seja, o estudo do papel da tecnologia na mediação das emoções. Para as autoras, a categoria “emoções eletrônicas” refere-se a emoções que são vividas, re-vividas, narradas, sentidas, mostradas ou descobertas através de máquinas: através das tecnologias de comunicação e informação, emoções são, de um lado, amplificadas, moldadas, estereotipadas, re-inventadas (FORTUNATI; VINCENT, 2009). Assim, algumas das questões a ser consideradas são: o que de fato concretamente significa uma “emoção eletrônica”? Como as emoções mudam quando mediadas por tecnologias de comunicação e informação? Como as pessoas experimentam tais emoções? Qual é o investimento emocional que as pessoas expressam através das tecnologias de comunicação e informação?

Minha proposta aqui é articular, através de meus dados etnográficos, as categorias “tecnologias afetivas” e “emoções eletrônicas” com a teoria antropológica do consumo. O argumento é o de que a visão do consumo como prática cultural, na qual pessoas e objetos constituem-se mutuamente (MILLER; 1987, 2010) torna possível pensar que a mediação das emoções através da tecnologia ocorre nas práticas de consumo tomadas de forma ampla – não somente através da ligação dos agentes sociais com os aparelhos de telefone celular ou com o conteúdo neles armazenado, mas também na maneira como tais conteúdos afetam as dinâmicas sociais. Assim, quero pensar como as emoções engendradas pelo consumo de telefones celulares circulam nas redes sociais e afetam seus membros, propiciando narrativas a respeito da tecnologia no Morro São Jorge.

---

<sup>3</sup> Em outro lugar (SILVA, 2010, *no prelo*) explorei em maior profundidade a ligação emocional dos agentes sociais com seus telefones celulares: a dedicação ao aparelho de sentimentos humanos, como o amor, a raiva, a vergonha e o ciúme. Tal ligação emocional era, assim, evidenciada no discurso dos interlocutores, por exemplo, pela atribuição de termos de parentesco ou de amizade ao aparelho. Assim, o celular torna-se *companheiro, filho, amigo*, ou mesmo, um *“guerreiro”*.

## 2 – A mediação dos celulares nas relações de gênero

Em minha etnografia no Morro São Jorge, Vânia, uma empregada doméstica de quarenta e três anos, tornou-se uma de minhas principais interlocutoras. Em outro lugar (SILVA, 2008) escrevi sobre como o simples fato de ter ganho um celular usado, de uma de suas patroas, teve o condão de fazer com que Vânia se sentisse parte da lógica conectada que caracteriza a alta modernidade. Não somente isso – a posse do telefone celular, ainda que não tivesse condições financeiras de abastecer seu celular pré-pago com créditos todos os meses, provocou em Vânia um sentimento de grande felicidade, fazendo com que se sentisse incluída socialmente ou, em suas palavras, “gente fina”.<sup>4</sup>

Reencontrei Vânia muitas vezes no São Jorge, desde aquela primeira entrevista de janeiro de 2007. Muita coisa mudou nesse meio tempo: Vânia enviuvou, emagreceu dez quilos, deixou a casa onde trabalhou por anos a fio. Agora tem outro companheiro e mudou-se para a casa dele, mas continua no São Jorge. Em dois anos, a vida mudou, e os celulares também. Pouco tempo depois que começaram a morar juntos, Romero, o novo companheiro, quis presentear Vânia; como muitos outros maridos e esposas no São Jorge, escolheu o telefone celular como presente ideal para marcar esse momento de união. Entretanto, Vânia sentia-se satisfeita com o antigo – ou não queria incomodar o companheiro: “Eu disse prá ele, ‘não amor, não precisa, celular eu não quero não.’ Pois ele insistiu, ‘que eu vou, e eu vou comprar um celular novo prá ti.’” Alguns dias depois, Vânia teve uma surpresa:

Ele chegou e disse que tinha comprado um presente pra mim. Eu ainda ralhei, ‘fica se metendo em conta, homem!’ E ele: ‘comprei um fogão de quatro bocas [‘muito bonito’, diz Vânia, ‘que é esse aqui’] e comprei um presente pra ti, é surpresa’. Eu disse, ‘ai amor, tens uma surpresa pra mim? Quando ele apareceu com esse celular, eu só não chorei porque... Mas eu fiquei tão feliz, tão feliz. [...] Ele tem fone, tem tudo! Ah, aonde eu vou agora é só com o fone no ouvido prá cima e prá baixo. [Sandra: E tu bota música também?] Boto, aprendi direitinho. Bato foto, tudo.

---

<sup>4</sup> A fim de situar o leitor na emoção provocada em Vânia por seu primeiro celular, transcrevo a seguir sua fala na primeira entrevista concedida a mim, em janeiro de 2007: “Celular, nunca tive celular, nunca tive, nunca tive, e eu doída pra ter, porque eu achava que todo mundo tinha, e aí porque que eu não posso ter, por que que eu não posso ter. Mas Deus como é tão bom, tão bom, como é justo, aí eu trabalhei numa casa. Trabalhei numa casa, fiz faxina, a mulher me adorou, porque enfim... Mas sabe que ela tinha muito celular, muito assim, muito, que ficava lá jogado. Mas ela sempre tinha novo assim, as crianças tinham, e aí eu sempre ficava assim, ah meu Deus, será que um dia eu vou ter um celularzinho? Quem sabe né, pra Deus nada é impossível. Fiquei trabalhando, trabalhei com ela um mês. Aí foi um dia ela “d. Vânia, agora eu vou-me embora, vou-me embora pra Bahia”, que eu fazia faxina na casa dela, três vezes na semana. Aí eu fui lá terça-feira, trabalhar e ela disse assim “d. Vânia, eu tenho um presente pra senhora”, eu disse “um presente? Que é que tu vai dar pra mim?” “Eu tenho um celular pra dar pra senhora, a senhora quer?” Aí eu disse: “Ô, meu Deus do céu, que maravilha... Agora eu sou gente fina! Meu Deus, e eu toda boba, toda boba com o celular. Aí ela me deu, com o carregador, tudo, ô, mas olha, me serviu bastante. Mas só que eu assim, ó: eu não sei usar o celular. A única coisa que eu só sei: abrir ele, ou apertar aqui e ali.” (SILVA, 2008, p. 317).

Vânia agora não desgruda de seu celular, comprado novinho na loja em dez prestações de 59 reais: um Sony Ericsson W380 na cor roxa, de flip. Sua filha mais velha é quem, quando a visita, transfere os arquivos de música pelo *bluetooth* (“ela passa do celular dela pro meu, só encosta assim um no outro e já vai”) mas é a própria Vânia que, como me disse com orgulho, “bota a música” (significando “botar para tocar”, reproduzir o arquivo de áudio). Vânia tem uma predileção especial por canções românticas dos anos 70 e 80 (“adoro música lenta”). Freqüenta a Igreja Universal do Reino de Deus três vezes por semana e, na ida e na volta do culto, “tou sempre escutando a rádio evangélica no celular. Acho que é a Sara Nossa Terra”.

Acredito que Romero, simbolicamente, quis marcar com o presente o início de uma nova vida a dois negando o celular velho de Vânia, que ela havia ganho do primeiro marido (nessa altura, o primeiro celular, ganho da patroa, já não funcionava mais): “Ele foi lá e pegou a caixinha, ‘ó, comprei prá você. *Pra você parar de ficar com esse celular velho na mão*’. E eu, ‘ai amor, meu celular não é velho não’. ‘Esse aí dá prá quem tu quiser, dá pro teu filho’”. Entretanto, mais relevante ainda para a nossa discussão sobre celulares nas relações de gênero é a continuação do depoimento de Vânia. A respeito do novo celular, ela faz uma declaração surpreendente: aceitou o celular – que adorou – mas não o dom de ter recebido o presente. Lembremos de Mauss (2003) na formulação da teoria da dádiva – esta necessariamente envolve o dar, mas também o receber e o retribuir. O que Vânia fez foi assumir o pagamento das prestações do celular. O que, compreensivelmente, deixou Romero bastante chateado; o casal briga de vez em quando por causa disso, mas Vânia mantém-se firme em sua decisão. Sua explicação é cristalina: “Por que se um dia a gente se separar, eu quero devolver tudo o que ele me deu – roupa, sapato, as coisas prá casa, que ele já me deu bastante coisa - mas o celular eu não quero devolver não!”

Entretanto, o presente em forma de celular nem sempre provoca sentimentos harmoniosos entre os casais. Nesse sentido, a raiva e os ciúmes foram duas emoções observadas com freqüência nas relações de gênero no Morro São Jorge. A raiva pode se fazer presente no ciúme de maridos em relação à telefonemas e conteúdos que as esposas recebem no celular. O marido de Paulina – uma das filhas de Vânia - por exemplo, começou a desconfiar dela e do celular novinho, “de flip”, com que a havia presenteado no aniversário. Suspeitou de traição. Paulina, furiosa, esqueceu

completamente o quanto havia desejado esse celular “de flip” e o arremessou contra a parede.

Agora vê se ele me incomoda mais por causa do celular. Porque se ele brigar, se ele me incomodar, eu agora quebro o dele. Não tou certa? [...] Eu fiquei com raiva porque ele não precisava ter ciúme de mim por causa do celular. Eu vou dizer uma coisa bem certa pra ti: não é o celular que vai fazer tu trair, tu roubar, não é por causa do celular que tu vai entrar na droga.

A raiva, entretanto, pode ser direcionada ao próprio aparelho. A posse de um celular “velho” pode provocar não apenas vergonha, mas também raiva. Depois da briga descrita acima, Paulina ganhou um celular usado do marido (que o havia comprado por três reais de um usuário de drogas no Morro) e, insatisfeita com o aparelho, passou a expressar sua raiva na materialidade do objeto: começou a destruí-lo, arranhando-o e descascando a tinta:

Como ele é pobre, me deu esse celular assim feio. Só que eu não gosto de celular feio. E eu comecei a descascar o celular, descascar. Só que eu tenho vergonha de atender na frente de alguém. Mas o meu sonho sempre foi ter celular assim baita, bonito, sabe. Eu gosto do celular pra ter jogos, mensagem, e... um número bonito. Gosto muito da TIM . [Tem isso assim, de número bonito ?] Tem. Por exemplo, 9937 – 9139. Esse número é bonito, sabe. Tem um começo e um fim bonito, sabe? Que se é pra ter celular velho eu não tenho.

Em outra ocasião, encontro novamente Paulina, e comentamos a briga com o marido e o celular destruído: “Quebrei o meu celular de flip e agora tou com esse celular feio. Mas agora ele vai comprar um celular bonito pra mim” diz, esperançosa. A confissão que vem a seguir é algo surpreendente. Paulina diz que sempre teve vontade de “fazer isso”: “Que é isso né, é coisa de rico. Tacar o celular, quebrar as coisas de dentro de casa”. O que o depoimento de Paulina revela é a adesão a um imaginário de classes médias<sup>5</sup>, que circula nas classes populares principalmente nas telenovelas.

Outro ponto importante a ser considerado, em termos das emoções que são mediadas através do consumo de telefones celulares, é o do medo da maledicência e da fofoca. Assim, pude observar no Morro São Jorge uma preocupação em saber para quem se está passando o número do telefone celular. Há uma grande preocupação com a privacidade e a proteção da família, especialmente no caso das mulheres. É possível também uma associação dessa prática de resguardar o número de telefone com a prática de atividades ilícitas. Afonso, por exemplo, diz que “tem muita gente aí que tem medo de passar o número, mas eu não tenho nada a esconder”. No caso de senhoras como D. Cema, uma

---

<sup>5</sup> No Brasil, a partir de 2008, começou a ser realizado um Campeonato de Arremesso de Celulares nos moldes do original finlandês.

respeitada líder comunitária e mãe-de-santo no São Jorge, ou de mães de família como Odila e Helena, entretanto, a preocupação é de outra ordem – não somente com os trotes, que são constantes, mas também com eventuais fofocas e maledicências. Quando pergunto a D. Cema se recebe muitas ligações no telefone celular, recebo a seguinte resposta:

Olha pra ti falar franco é bem poucas pessoas que tem o meu número, não é pra todo mundo. Geralmente eu só dou o número – lá uma vez ou outra - o número do meu celular no comércio quando eu vou fazer uma compra, que eles perguntam. Mas pra qualquer pessoa, não. Muito difícil. Não é pra qualquer pessoa que eu dou o meu número não.

Com tantos cuidados, D. Cema nunca recebeu um trote pelo celular. Assim, percebo que no São Jorge passar o número do telefone celular significa estabelecer um laço de confiança e amizade. D. Cema, por exemplo, para explicar que tem muita amizade com um padre católico simpático às práticas religiosas afro-brasileiras, afirma: “Tenho muita intimidade com ele, tenho o telefone dele e tudo”. Para essas senhoras, dar o número do celular significa dizer “eu confio e gosto de você”. Apenas meses depois de encerrar o trabalho de campo pude entender plenamente a conversa que tive na despedida com D. Aurenice, uma das simpáticas senhorinhas com quem convivi por meses no grupo de alfabetização para adultos. Após me dar de presente uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, ela me disse num tom de voz que me impressionou na ocasião, mas que agora eu interpretaria como sendo no sentido da satisfação de poder confiar sem medo: “Eu vou te dar o meu [número de] celular, hein!”

É justamente nos trotes que reside uma ameaça ao bom convívio dos casais. Janaína, por exemplo, que aos vinte e nove anos está no segundo casamento e tem quatro filhos entre um e quinze anos de idade, conta que já se “incomodou muito” por causa do celular. Já trocou o chip do celular – o que equivale a trocar o número – por três vezes devido aos trotes recebidos. Quando a entrevistei estava com o chip atual havia quatro meses. Embora Janaína não saiba como descobrem o seu número, desconfia que seja “alguém conhecido que queira fazer sacanagem. É de propósito. Porque até pode ser de ligar enganado, isso acontece, mas até acertar o número certinho, chamar a pessoa pelo nome, saber onde trabalha...”. O número atual do chip foi revelado para poucas pessoas, apenas aquelas de confiança. Cautelosa, diz que aprendeu: “A gente tem que saber para quem dá o número, porque às vezes se torna uma brincadeira bem chata”. Como vimos acima, os trotes, além de fofocas e maledicências, são o principal motivo para as mulheres serem cuidadosas na divulgação de seus números de celular. Janaína espera

não se incomodar mais, porque “se eu tiver que trocar de novo, não troco. Prefiro pegar um martelo e quebrar esse celular todinho”. Ao longo de meses, Janaína recebeu trotes da mesma pessoa – uma mulher - que insistia que seu marido a estava traindo. Tudo acontecia através de mensagens de texto. Seu sentimento é o de uma pessoa que tem sua privacidade invadida, já que considera o celular um objeto de uso pessoal e íntimo. E o alvo é mesmo Janaína, já que o marido nunca recebeu trotes de pessoas fazendo intrigas a respeito dela. “Geralmente é eu que eles atentam. Sempre foi comigo. Se eu estivesse ainda com o outro número, com certeza estaria me incomodando, talvez até já tivesse me separado, tanta intriga que faziam”.

Em alguns casos, descobre-se que foi uma amiga, ou conhecida, que acabou passando o número do celular para um desafeto da primeira, que passa a receber trotes. Isso pode ocorrer inadvertidamente, como no caso de Emília, uma jovem esposa e mãe de vinte anos de idade. Uma das vizinhas, muito sua amiga, teve a agenda do celular vasculhada sem saber por uma amiga, que não gostava de Emília. Essa mulher passou a ligar para Emília diariamente, insultando-a. Emília não tinha como saber quem era, já que o número do celular que chamava aparecia como “privado” no identificador de chamadas. Em um dos dias, a mulher esqueceu de colocar a chamada em modo privado: “Daí eu liguei para essa pessoa e falei um monte para ela, daí foi onde ela disse ah, desculpa, eu não sabia que era tu. Ela me ligava quase todo dia. Ruim é o privado, o retido, mas depois ela parou de ligar.” Entretanto, Emília explica que deixar de atender ligações cujo número consta como privado pode ser um problema. Para os moradores do Morro São Jorge, ofertas de emprego podem chegar através do celular, e alguns empregadores quando ligam para preencher uma vaga ligam em modo privado: “Às vezes eu atendo quando é ‘privado’ e é palhaçada, mas às vezes pode ser emprego, como outro dia, que me ligaram da Back *[empresa de serviços terceirizados de limpeza e vigilância]* e era privado. Mas aí eu primeiro peço para a pessoa se identificar. Não digo quem é. Só depois eu falo meu nome.”

Ligações para números errados também podem causar confusão quando se trata de maridos ciumentos. Maria, mãe de Emília, recebeu tarde da noite três ligações por engano seguidas de um rapaz que insistia que aquele número era de seu irmão. Estavam já marido e mulher no quarto. Na segunda, o marido de Maria atendeu a ligação: “Pô esse cara já ligou duas vezes!” Foi um problema convencer o marido que se tratava apenas de um engano, que não conhecia o homem.



Por isso, como Janaína e muitas mulheres do São Jorge, Emília e Maria são bastante cautelosas ao divulgar seu número de celular. Penso que uma chave explicativa para esta prática está em Fonseca (2000) que ressalta o medo da fofoca e da maledicência entre camadas populares. Maria diz que “celular uma parte é bom e outra é perigoso. Eu tenho até medo de ligar para gente de fora, prefiro até nem ligar. Pra quem não é da família eu tenho até medo de ligar, às vezes. Pode dar algum rolo. Bem difícil eu ligar.” Sua filha Emília concorda: “Celular é bom, mas é também onde tu pega as coisas...” E acrescenta que é preciso ter muito cuidado ao emprestar o celular para que outros usem, mesmo que seja uma amiga, como aquela que sempre pedia seu celular emprestado. Quando Emília insistia para que usasse o seu próprio aparelho, a amiga dizia que não se preocupasse, que não iria usar o seu crédito, iria ligar a cobrar. Emily, porém, desconfiava: “Por que tu não quer que aparece o teu número? Por que tu quer que aparece o meu número? Vai que é para fazer ‘avacalhação’, ou ‘fazer rolo’. E depois até explicar que não fui eu que liguei, é bem complicado.”

No caso de adolescentes, em especial de rapazes, possuir mais de um aparelho de telefone celular constitui uma estratégia para lidar com múltiplas namoradas. É o caso de Caio, que aos dezenove anos já está noivo. Quando pergunto se o aparelho que está em cima da mesa é o seu celular, recebo a resposta de que é “um deles”. Se para muitos ter mais de um celular pode ser símbolo de status, Caio diz que no seu caso é diferente. No começo da adolescência, diz que era “meio franguinho, nunca fui de ficar com uma menina só. Naquela época os celulares tiveram uma grande importância. Porque tu tem uma adolescência, e tu conhece várias meninas, em vários locais.” Conta que perdeu a virgindade muito cedo, com uma prima, mas manteve a namoradinha que já tinha, e logo depois arranhou mais algumas meninas com quem “ficava”. Caio chegou a ter três celulares ao mesmo tempo para “administrar”, como ele mesmo descreveu, suas múltiplas relações amorosas. Outra estratégia empregada era registrar na agenda o nome de uma namorada usando um nome masculino: “Eram vários números... Botava o nome de um amigo do futebol, por exemplo. Caso alguma ‘outra’ fosse pegar pra vasculhar, não ia saber. Eu só dizia: esse aqui é um guri do jogo, dá licença.”. O terceiro celular, usado para se comunicar com outra namorada, ficou “vago” quando o relacionamento terminou e a irmã de Caio foi presenteada com ele.

Para suas duas namoradas mais estáveis, Caio reservou dois números de celulares exclusivos, em dois aparelhos diferentes: “Não pode ter o mesmo celular. Se uma liga pro meu celular, e eu tou com a outra... ia complicar, ia sempre rolar um atrito. Quer dizer, uma hora eu desligava um e deixava o outro ligado quando estava em tal lugar.” Por isso, segundo Caio, era preciso ter mais de um celular, já que antes tinha uma namorada fixa lá do outro lado do Morro, mas também logo depois começou a namorar com a moça com quem acabou noivando: “Mas quando eu noivei a outra não gostou, se rebelou.” Como sempre carregava os dois celulares consigo, Caio algumas vezes esquecia o aparelho “secreto” ligado e, assim, a noiva descobriu seu estratagema. Na época, segundo Caio, o celular que havia reservado para essa namorada ainda não era “de chip” e não havia como trocar o número do aparelho, tornando assim difícil sua vida com a noiva, já que a namorada abandonada continuava ligando constantemente e incomodando a vida do casal. Certa vez, quando Caio esqueceu o celular em sua casa, a noiva percebeu que era a “outra” e com ela falou fingindo ser a irmã de Caio. Em uma dessas ligações da “outra”, a noiva, então namorada, em um acesso de fúria, jogou esse celular de Caio contra uma parede. “Não teve conserto, tive que jogar o meu celular que eu usava com ela fora”. Além disso, o celular que Caio usava com a noiva desde o começo do namoro “também era um que as meninas daqui do Morro também ligavam, então esse também foi jogado na parede várias vezes. Mas era um celular que agüentou bem.” Caio revela outros tipos de conflitos, como quando uma de suas paqueras descobria seu outro número de celular e ligava para ele enquanto estava com uma de suas namoradas fixas. Muitas vezes, quando suas tentativas de fingir que estava falando com uma de suas irmãs não davam certo, era briga na certa. O noivado, entretanto, marcou uma ruptura na vida de Caio, que agora se declara um “menino certinho, não recebo mais essas ligações”. Em sinal de fidelidade e comprometimento, entregou o celular que havia restado para a noiva, e comprou um outro para si, agora “de chip”. O caso de Caio exemplifica uma mudança para uma outra etapa da vivência da masculinidade, quando os jovens assumem um compromisso afetivo mais sério e se encaminham para o casamento e os filhos: encaminham-se da “zoeira” para a “responsabilidade” (ARILHA, 1998).

### **3 – Telefones celulares como tecnologia afetiva nas relações entre pais e filhos**

Nesta seção, gostaria de evidenciar as tensões provocadas pelo celular entre gerações. Início analisando o caso dos filhos de Lila, auxiliar de serviços gerais de trinta e cinco anos, que está no terceiro casamento, em suas tentativas de usar telefones celulares.

Carol, a filha de dezessete anos, é considerada uma princesa na família. Muito bonita, participa de desfiles e, segundo a mãe, “é muito vaidosa, adora usar aqueles tamancos de salto alto, roupa bonita, maquiagem. Minha filha é uma boneca, ela desfila, foi rainha. Ela já desfilava desde um ano e oito meses”. No meu período em campo, Carol foi notícia nos jornais por ter ganho um dos vários concursos que acontecem no período de Carnaval. E, segundo a mãe e o avô, não só bonita como muito inteligente, “O meu marido, padrasto dela, queria dar um computador porque ela é inteligentíssima, ela fez curso, faz tudo.” Entretanto, mesmo tão popular, bela e sociável, Carol não possui um objeto central na tecnocultura adolescente contemporânea: um telefone celular. Embora reconheça que por vezes a filha possa se sentir excluída já que “todas as amiguinhas dela tem”, Lila é firme em sua opinião: para ela, telefones celulares deveriam ser proibidos para menores de dezoito anos de idade. Considera, inclusive, ser um absurdo que crianças de seis ou sete anos possam usar o aparelho livremente. Nessa decisão é apoiada por seu pai, Roberto Carlos, o avô coruja de Carol, que acredita que

O celular é muito útil, mas na mão de criança pode incentivar muita coisa errada. Isso é um caminho meio perigoso, que pode ligar algum vagabundo para eles e dizer que é o pai. Porque o celular é meio como um computador, não teve aquela novela que o menininho ficava o dia todo na frente de um computador e aí veio um daqueles abusadores de criança... Celular pode ser assim também. Pega uma menina dessa bonita aí, um sem-vergonha, um vagabundo. Consegue o número dela e manda esperar na saída da escola no local tal, diz que é o pai ou o tio, quando vai ver não é nada disso.

Meus dados de campo, entretanto, revelam que o discurso moral do pânico adotado por Roberto Carlos e Lila está em minoria entre os pais e mães do Morro São Jorge, especialmente quando se trata do uso do celular por uma moça feita como Carol. A grande maioria não considera problemático crianças usarem celular, desde que haja algum nível de supervisão e orientação. Seu Ciro, um avô de setenta anos de idade, com netos adolescentes, reconhece que o telefone celular apela a todas as faixas etárias: “Na época de agora eu acho que é do gosto de todos. Menininha desse tamanhozinho assim anda de celular na mão. Novo, idoso, não tem idade. Eu acredito que não precisa ter idade pra pessoa possuir um objeto... uma coisa que gosta”.

O mesmo Roberto Carlos tem um filho de dez anos (na verdade, como me revela Lila, é seu neto que ele cria desde os dois meses de idade). O menino usa o celular, mas com recomendações estritas do avô, que repete constantemente: “Ó, não liga pra ninguém, só eu vou ligar pra ti, e não liga pra mais ninguém. Quando ele sai da aula, tem um lugar

que” eu sempre mando ele esperar. Tu não embarca no carro de ninguém, fica ali esperando até eu chegar”. Confiante em sua estratégia para proteger o neto da violência urbana, e especialmente de abusadores de crianças, Roberto Carlos resolveu prová-la para a esposa, que foi com ele buscar a criança na escola: “Até esses dias eu mostrei para a minha mulher – quer ver como ele obedece? Pois demorei, demorei, meia hora a mais para pegar ele. Quer ver como ele está ali no lugar? Estava direitinho. Que hoje em dia é um perigo”.

Entretanto, como mostra o relato de Edinéia, trinta anos, evangélica, mãe de três filhos adolescentes, muitas vezes o perigo pode estar mais próximo da família do que se espera. Sua filha caçula, hoje com catorze anos, sofreu assédio de um homem casado que lhe mandava torpedos pelo celular. Edinéia relembra que esse fato aconteceu quando Cinara tinha apenas doze anos. A mãe conseguiu descobrir o autor do assédio apenas porque tinha uma agenda telefônica muito bem organizada em seu celular. Notou que a filha ficava assustada quando recebia mensagens e, conversando com a menina, descobriu o que estava acontecendo. Vasculhando sua própria agenda telefônica, descobriu que o número pertencia a um conhecido da família e resolveu confrontá-lo:

Aí eu pensei: eu conheço esse número. Aí eu fui *escanear* meu outro celular. Eu conhecia a pessoa! Liguei para ele e ele ficou *todo assim*. Mas eu me fiz de boba. Disse: “Querido, teu número tá aqui no celular da minha filha. Não sei se tu quis mandar uma mensagem para a tua esposa... Acabou mandando para a minha filha. Então tu me desculpa se eu tou te ligando, mas é para tu ficar mais atento”. Aí ele: “me perdoa, me desculpa, realmente a mensagem era para a minha esposa”. E eu: “Porque tu não seria nem doido de ficar mandando essas mensagens para uma criança de doze anos. Me perdoa a sinceridade, mas para mim só uma pessoa de muito baixo escrúpulo para mandar mensagem erótica para uma menina de doze anos. Porque imagina se em vez de ligar para ti eu ligo para a tua esposa, que eu tenho o número dela”. Aí ele ficou com medo. Deu uns quinze dias ele trocou o número de celular da esposa e o dele também.

No São Jorge, minhas observações indicaram que o uso de celular por crianças nos primeiros anos de vida escolar é menos freqüente que o de adolescentes, mas existe. Na escola onde grande parte das crianças da comunidade estudam, uma menina da segunda série do ensino primário me conta que duas de suas coleguinhas tem celular. Conversei com uma delas, que me revelou ter ganho o celular – já bem velhinho - de um tio que já o havia usado durante muito tempo. A mãe da menina, dona de uma venda no alto do Morro, me disse a mesma coisa que seu Roberto Carlos: a garota deveria usá-lo só em caso de emergência, para ligar para casa. Falando de uma perspectiva mais geral, já que um de seus netos estuda em uma escola localizada no centro de Florianópolis, seu Roberto Carlos comenta: “Eu vejo pelo meu neto, eu levo e busco ele todo dia no Instituto,

e hoje a maioria, todas as crianças tem celular. Eu vejo eles na rua ligando para os pais vir buscar”. Lila lembra que em sua própria família há um caso: “Eu tenho uma priminha de seis anos que tem celular. Ela tem um celular de MP3. Meu tio diz que sem celular ela não fica. Que ela tinha, que queria e queria”.

Em outra de minhas visitas à escola mais próxima da comunidade, noto que um menino de uns seis ou sete anos, no máximo, segura um celular na mão no horário da merenda. A orientadora educacional me explica que Jean, de sete anos, tem duas famílias, daí a necessidade do celular. Alguns meses mais tarde, visito a casa onde Jean mora há um ano com a avó, D. Fani, e onde passa a maior parte da semana. Embora diga que acha errado “criança de dez, doze anos com o celular na mão” D. Fani explica que é a madrinha que empresta o celular para Jean de dez em quando, o que lhe causa preocupação: “O celular na mão de uma criança o que é que é? Vai ali, liga e o outro: ‘ah, vem aqui que eu te espero’. E ele vai. Ele vai! Ele não tem noção! Entendesse? Vão puxar pra rede deles.”

Quero argumentar aqui que, quando saímos da faixa etária dos avôs e avós responsáveis por crianças e adolescentes para a de pais e mães, a percepção de risco relacionada ao uso do telefone celular por crianças tende a diminuir. Titta, a irmã de Nena, que tem cinco filhos – quatro adolescentes e um bebê – diz que não se importa que os filhos tenham celular; segundo ela, o diálogo e a orientação são a melhor estratégia: “Eu nem ligo [que os filhos usem celular]! Eu tenho uma opinião. Tu senta, tu conversa: se eles não quiserem seguir o teu conselho, a gente continua conversando mas se eles for pro lado errado...”

No caso de crianças, pode aumentar a percepção do telefone celular como aliado da segurança e de uma melhor comunicação entre pais e filhos. Nesse sentido, as preocupações no São Jorge ecoam o discurso das camadas médias em relação à violência urbana, bem como o papel dos telefones celulares, aqui pensados como uma “coleira eletrônica” em aliviar a ansiedade dos pais quando estão longe dos filhos, como mostram os estudos de Nicolaci-da-Costa (2006), no contexto cultural brasileiro, e o de Ling (2004) em relação às camadas médias de países do chamado Primeiro Mundo. Entretanto, também observei que no Morro São Jorge o telefone celular pode tornar-se aliado de mães que trabalham fora na tarefa de cuidar dos filhos. O relato de Edinéia, que conhecemos há alguns parágrafos, sublinha o sentimento de culpa que muitas vezes

afeta essas mães, bem como o papel do telefone celular na mediação das emoções entre pais e filhos:

O Caio [*seu filho mais velho*] eu precisei dar um celular porque eu trabalhava muito. Ele devia ter uns sete, oito anos. Há dez anos atrás. Era minha forma de saber como ele tava. Eu ligava para ele a cada uma, duas horas. Eu achava que tinha que trabalhar para dar tudo para eles, mas me dei conta que nada substitui o afeto. Eu praticamente não via eles acordados. Saía às quatro da manhã e chegava depois das dez da noite. Com onze anos o Caio me disse que não queria mais roupa nova ou calçado bonito. Ele disse: “Eu quero a minha mãe”. Uma vez ele me mandou uma mensagem no celular perguntando quando eu ganhava por hora. Na época eu tirava uns 35 reais por dia, daria uns três, quatro reais por hora. Pois ele pegou um real com vários parentes e entregou na minha mão: “Estou pagando uma hora para a mãe ficar só comigo”. Ele mandou uma mensagem porque eu não tinha tempo de parar e conversar com ele! Eu achava que só tinha que dar o material para eles, e com isso eu vi que só o lado material não basta. E o celular tava no meio disso tudo. Até hoje muitas vezes o Caio não fala as coisas pessoalmente comigo. Até hoje quando ele quer pedir desculpa ele ou liga ou me manda mensagem.

Além disso, são constantes os relatos de que é preciso “estar no tempo”, ou seja, acompanhar e incluir na vida cotidiana as mudanças tecnológicas tão características da modernidade. É o caso de Cássia, enviuvou muito jovem do pai de sua filha Mirella, hoje com seis anos. A entrevista foi feita em março de 2009 com mãe e filha; Mirella recém-ingressara na primeira série do ensino fundamental: “Eu estudo no Instituto, faço balé no Instituto”, conta-me ela, toda sorridente e extrovertida, olhos brilhando de inteligência. Cássia reconstruiu sua vida com um novo parceiro e casou-se novamente. Os dois trabalham fora por longos períodos: Cássia tem o segundo grau completo e trabalha em uma empresa de telemarketing; o esposo também possui um bom emprego para os padrões do São Jorge, o que possibilita ao casal ter carro, moto, e uma casa de alvenaria confortável que inclui comodidades como telefone fixo e, especialmente, o computador ligado à Internet. Cássia alegre-se com o fato de o padrasto tratar a enteada como se fosse sua própria filha; foi ele quem deu o primeiro celular para a menina como presente de aniversário de cinco anos. “Mas ela não usava muito, só atendia, era uma vez ou outra, era mais brincadeira”, diz sua mãe. “E esse ano a gente decidiu que ela tinha que ter um celular mesmo porque ela trocou de escola, foi estudar no Instituto, mais longe, e ali fica tudo solto”. No período em que está na escola, a menina deve atender somente aos pais: “Eu explico, Mirella, se acontecer de a gente se atrasar, e não tiver ninguém ali te esperando [na saída da escola] tu fica ali que dali a pouco a gente te liga, falando que a gente vai chegar mais tarde, ou então se acontecer alguma coisa, se não tiver aula, tu pega e disca prá gente.” Mirella intervém, com seu celular na mão: “Quando tu quiser ligar para alguém é só apertar aqui, ó”. Como toque de seu próprio celular, Cássia gravou a

voz da filhinha dizendo: “O celular tá tocando, por favor atende, mamãe!”. Cássia enfatiza que o telefone celular facilita em muito em seus compromissos e tarefas como mãe:

Hoje, por exemplo, eu deixei ela no balé, a gente sempre leva o celular, né, e disse assim: Mirella, eu vou no banco e posso demorar um pouquinho. O balé começa às duas e quarenta e cinco e termina às três e quarenta e cinco. Se a mamãe demorar tu fica com o celular na mão e fica lá na salinha da professora me esperando. Só que ali no Instituto é muito ruim de estacionar. Eu só liguei pra ela e disse: “Mi, fala pra tua professora e vem que a mãe já tá te esperando aqui na frente”. Então prá gente... Pra mim é uma facilidade. [...] Por exemplo, eu trabalho no Estreito [bairro na parte continental da cidade. Cássia trabalha das seis à meia-noite] e tem o trânsito na ponte. Aí o que que a gente faz: ele me leva de moto, e a gente deixa ela em casa sozinha às vezes. Porque é muito transtorno deixar na casa dos outros [...] A gente fecha a casa direitinho, fica a chave pro lado de dentro, e daí ela atende o telefone residencial ou então o próprio celular mesmo. Às vezes eu mando ela pra casa da minha mãe e depois quando ele chega o meu marido liga pra ela vir pra casa. Às vezes a gente fica meio inseguro [de fazer isso] mas aqui na comunidade é seguro. De repente pras pessoas de fora não, mas pra gente é bem seguro, todo mundo conhece a Mirella. E também a gente explica pra ela que quando ela atender o telefone, pras pessoas não ficarem sabendo que a gente não tá em casa, a gente diz: “Mi, não fala nada que a gente não tá. Fala pra ligar mais tarde, que a gente agora não pode”. Outra coisa é que só quem tem o número dela são os nossos parentes e algumas amigas minhas.

Em contraste com o caso de Mirella, temos o de Carol, a moça de dezessete anos que não pode usar celular. Lila é separada do pai de sua filha há quinze anos e, segundo ela, o primeiro marido nunca ajudou em nada, “eu fui morar com o meu pai que criou ela para mim”. Mesmo sem o apoio financeiro, pai e filha mantiveram o contato e aparentemente Lila mantinha um relacionamento amigável com o ex-esposo. O aniversário de quinze anos de Carol, aguardado com expectativa pela menina, foi a ocasião em que ganhou pela primeira vez um presente de seu pai. Mas o presente pedido pela filha não agradou à mãe: “A primeira coisa que o pai da minha filha deu na vida para ela foi um celular, uma coisa que eu nunca quis que a minha filha tivesse”. Foi cobrada por seu Roberto Carlos, que perguntou porque sua neta estava usando celular. Acabou brigando com o pai da garota: “Falei pra ti, quer dar um presente pra ela, dá roupa, dá o que tu quiser, maquiagem, que ela gosta, mas não celular. Que se fosse para ela ter celular eu já tinha dado”. Entretanto, já que estava feito, Lila resolveu ceder vendo a alegria da filha, “que era o sonho dela ter um celular. A coisa que ela mais pedia, gurria, era um celular. Mãe, o pai disse que vai me dar um celular quando eu fizer quinze anos, será que vai dar?” No dia do aniversário, nenhum telefonema do pai o dia todo. O presente só veio às seis da tarde. Lila relembra a emoção da filha: “Meu Deus, essa gurria ficou tão boba. Na hora já bateu foto dela, colocou no celular, começou a ler o manual, tudo. Ele já botou o celular no nome dela mesmo, tudo direitinho”.

Com a permissão da mãe, Carol levou o celular para a escola. Mas a paz durou somente três dias, ao fim dos quais Lila notou que a filha subia para o quarto sempre que recebia ligações. Mesmo considerando que “a gente é mãe e tem que confiar na filha que tem” Lila desconfiou das afirmações da filha de que fossem só as amigas do colégio: “Por que não falar perto de mim? Então as adolescentes, essas menininhas novas ficam conversando muitas coisas por telefone que as mães não ficam nem sabendo”. Quando a filha saiu para ir na casa do avô sem levar o aparelho, Lila atendeu uma das ligações – era um rapaz – e começou a falar como se fosse a filha, descobrindo que Carol andava “de paquerinha”, algo para o qual Lila achava que a filha ainda não tinha idade. Pior foi saber que o rapaz incentivava a filha a mentir para a mãe sobre o horário real de saída das aulas: “ele foi dizendo ah, tu não vais lá, que eu mandei recado pra tu me encontrar na frente do Instituto [*Instituto Estadual de Educação, tradicional escola pública de Florianópolis*], que não sei o quê”. Três dias depois de ter ganho seu tão sonhado presente, Lila resolveu proibir o celular novamente, mas de uma maneira bastante drástica:

Não demorou, guria, três dias, mas certinho, quer dizer... Ela não foi arrumar paquera, namoradinho em três dias, decerto ela já andava e eu só fui descobrir por causa do celular. Ela ganhou no dia quatro, dia do aniversário dela de quinze anos, me lembro como se fosse hoje. E eu quebrei o celular no dia sete. Ela chorava! Eu só tenho a caixa hoje. [*E não teve conversa, vocês tentaram conversar?*] Não teve conversa. “Mãe, mas eu não fiz nada de errado, ele é que ligou pra mim...” E eu: “Mas se ele ligou prá ti é porque tu deu o número, minha filha, tu já andava se encontrando com esse menino!” “Não que eu juro, eu não tenho nada com ele, ele é só colega!” Mas eu disse: “colega, pra falar no telefone ou...” Aí um dia ele mandou uma mensagem, a raiva maior foi da mensagem, o celular tocou e eu atendi, que eu não tenho segredo com a minha filha! Aí eu fui ver a mensagem era assim: “passa o miguele, diz para tua mãe que hoje tem aula até mais tarde.” Ah!!!! Eu esperei ela chegar e ia mandar ela abrir a boca para engolir o celular. Ela chegou. Eu disse: Vem cá, tu queres o celular? Vem cá ver o que eu vou fazer. Botei o celular ali na rua e quebrei, ela olhando e eu assim com o martelo, pá pá pá. Dei três marteladas em cima do celular. E ela ficou chorando, que o sonho dela era ter um celular. Tanto que ela tem hoje dezessete anos e celular eu não dou. E é o sonho dela, ela me diz, mãe, todas as minhas amigas tem. Eu digo não, celular tu não vai ter. Claro que hoje em dia sim, é mais fácil, a gente tem uma condição melhor para dar um celularzinho para um filho. Mas eu tenho medo.

Após esse evento, e mesmo sendo excelente filha e ótima aluna, Carol só teve permissão para levar o celular para a escola uma única vez. Foi quando sua classe ganhou um concurso cultural que mobilizou todo o colégio, e o prêmio consistiu em um show de pagode que aconteceu na escola mesmo. Lila deixou Carol levar seu novo celular, mas com instruções específicas para usá-lo somente como câmera fotográfica. Na volta, houve inspeção do aparelho. Carol reclama (“nem parece que a mãe já tá na idade de trinta e sete anos, parece que já tá na idade dos setenta, pensa nas coisas desconfiando...”) mas aceita. Lila, que tem o celular “martelado” guardado em casa, às



vezes, ao lembrar do episódio, fica com a consciência pesada: “ela tá com dezessete anos e o pessoal tudo tem celular e ela não tem... Para as amigas ela diz: a mãe quebrou meu celular todo, quando perguntam. Ela não esconde”. Lila é mesmo linha-dura com a filha. Se as amigas de Carol precisam ligar, que seja para o celular da mãe. Ainda assim, Lila exige que a filha use o celular no viva-voz para que possa ouvir a conversa. Não encontrei outra mãe que, como Lila, fizesse uma oposição tão forte ao uso de celulares por adolescentes; e ela própria admitiu que não conhecia outra mãe como ela. Mas reconhece: “Até hoje continua o comentário que ela está com esse mesmo rapaz. Até a minha mãe diz, quando eles querem não vai ser um celular que vai impedir”.

Alguns meses depois, encontrei Lila novamente. A intenção era entrevistar seu marido, como ela já havia me convidado. Combinei a entrevista com ela, mas na ocasião Flávio preferiu não falar. De qualquer modo, aproveitar para perguntar novamente se Carol, sua filha de dezessete anos, já podia usar celular. Lila me contou que a proibição continuava, e sua opinião não havia mudado. Não contava, entretanto, com a solidariedade dos primos, do irmão e dos amigos de Carol. “Mas não adianta porque os celulares dos primos tocam e eles vem tudo trazer para ela. Esse celular tá sempre na minha vida, que coisa”. Lila conseguiu descobrir a estratégia algo criativa de sua filha para se comunicar com o namorado através da constante vigilância que exerce sobre os filhos:

A minha menina é assim: os meus sobrinhos vem chamar ela aqui de celular na mão. Quando eu pergunto o que foi, dizem que é a Kátia, a fulana ou não sei quem que quer falar com a minha filha. E eu digo: então me dá esse celular aqui que eu quero ver se é a Kátia. E eu pego o celular e eles ficam mudos, menina! Eu digo: fala, miserento! Que eu sei que é tu! Depois de um tempinho ele diz... oi... Eu vi que não tem jeito mesmo. Não vai ser um celular que vai proibir eles de se falarem. Até a minha mãe acha que eu devia dar um celular para ela, mas eu tenho medo. Nem o meu celular ela atende, que já sabe que eu não gosto. Ela só mexe nele: coloca música do Belo, joga os joguinhos, mexe em tudo.

É interessante ressaltar, também, que Lila não faz distinção de gênero: a proibição do uso do celular também vale para seu filho Marlon, de catorze anos. Entretanto, casos extremos como o de Lila também podem envolver preconceitos de gênero, como o que me foi relatado por uma estudante do ensino médio, de dezesseis anos. Segundo ela, seu pai permitiu que o irmão tivesse um celular muito antes do que ela, que teve de esperar por dois anos. Essa mesma moça, segundo um de seus professores, tem a vida controlada pelo namorado através de constantes mensagens de texto. Alane, a filha de dezessete anos de seu Gonçalves, outro de meus interlocutores, conta que quando pediu para ter celular, com treze anos, a primeira reação do pai foi de desconfiança: “Para que é que tu queres?” Janaína, que só tem meninos, pensa que iria se “incomodar mais” se

tivesse filhas que usassem celular. A preocupação de pais e mães é com a gravidez precoce, fato bastante comum na comunidade do Morro São Jorge. Janaína diz que não controla muito os filhos, embora converse, pergunte onde estiveram e o que fizeram. Mas com meninas, segundo ela, é “bem mais difícil”: “Meu filho mais velho tem catorze anos. Se ele engravidar alguém, não é minha filha. Tá certo que ele vai ter que assumir. Mas se eu tivesse uma filha de catorze anos que chegasse grávida, eu ia me estressar bem mais do que meu filho chegar e dizer que vai ser pai”.

Essa formulação de Janaína talvez possa explicar a conduta de outra mãe, sobre quem ouço falar através de suas duas irmãs. Tão controladora da vida dos filhos quanto Lila, ela no entanto não se opunha a que sua filha de dezesseis anos tivesse um celular. A percepção a respeito do aparelho, nesse caso, era diferente: como o marido de Marisa, a mãe de Lauanne via no celular o instrumento ideal para controlar e vigiar a vida da filha. É Nena, uma das irmãs, que comenta: “Mas ela liga pra essa gurria 24 horas por dia! É uma tristeza. Olha, A coitada da menina, às vezes ela nem atende o telefone. Aí é que a minha irmã fica braba. Porque ela liga o tempo todinho, todinho, todinho”. Titta, a outra irmã, reconhece que a sobrinha “é lisa, é perigosa” dando assim pistas de que a preocupação da mãe talvez de justifique, embora de maneira exagerada.

Aí ela quer saber onde é que a menina tá. Só que a gurria é ligeira. Mas não adianta, É sempre aonde é que tu tá, tu falou que ia chegar tal hora, com quem que tu tá. Acho que a Lauane é uma guerreira. Eu acho. Ela tem muito respeito pela mãe, porque senão ela já tinha se mandado daquela casa. Só que a gurria é terrível, é lisa. Mas ela apanha. Se ela respirar mais alto já leva um tapa na cara. Ô, a minha irmã é fogo. Puxou bem o nosso pai.

No caso de Lila, foi através de um celular que os primeiros namoricos de seu filho foram descobertos. Certo dia, Lila “achou meio estranho” quando seu filho saiu do quarto com um celular na mão. O rapaz escondeu o celular, sem notar que a mãe tinha visto sua manobra. Além disso, Marlon subiu várias vezes para o quarto e Lila conseguiu ouvir o toque do aparelho, mesmo em volume baixo. Interrogado pela mãe sobre a quem pertencia o celular, Marlon respondeu que era “de uma menina ali”. Lila não proibia que os filhos tivessem colegas, mas sempre foi muito cautelosa em relação a namoros. Os amigos de Carol e Marlon já conheciam a fama de brava de Lila, assim como seu veto ao uso do celular pelos filhos. Esta não teve dúvidas: quando o filho entrou no banho, pegou o celular para inspecioná-lo e encontrou imagens dele com uma jovem. Logo depois, atendeu o celular: “O telefone tocou e eu descobri que era uma paquerinha dele, mais ainda, que ele já estava até freqüentando a casa dela. A mãe dela, tudo, sabia e eu sou a

última a saber”. Algum tempo depois, a namoradinha, de treze anos, apareceu na porta para buscar seu celular. Avisaram a Lila que havia uma menina querendo conhecê-la. Ao perguntar se a jovem “estava de rolinho” com seu filho, recebeu a resposta de que estavam “ficando”, o que deixou Lila irritada: “Ficando não nega, nem namorando, que o Marlon só tem catorze anos. Era para isso que tu deixava o celular com ele?” Acabou descobrindo que a garota tinha telefone fixo em casa, e emprestou seu celular para que Marlon pudesse atender suas ligações. Lila acabou tendo que se render, ainda que sob protestos, ao fato inevitável do despertar do interesse de seu filho pelo sexo oposto: “Mas não adianta, já fiz de tudo, tirei ele daqui e nas férias deixei ele duas semanas na Agrônômica [bairro de classe média de Florianópolis] na casa do meu tio, ele voltou e a namoradinha está de vez em quando aqui em casa”. Nisso aparece o próprio Marlon, para quem Lila pergunta, divertida, se ele quer ter um celular. Contrariado, o garoto responde: “Lógico, né, mãe!”

#### **4 – Considerações Finais**

Ao longo deste artigo, busquei trazer casos etnográficos que demonstrassem ser possível a articulação entre a visão antropológica do consumo como uma prática cultural (MILLER, 1987; 2010) e as categorias que propõem a visão do telefone celular como uma “tecnologia afetiva” (LASSEN, 2004) e seu papel enquanto mediador das emoções nas dinâmicas sociais, as quais, por seu intermédio, podem tornar-se “emoções eletrônicas” (FORTUNATI; VINCENT, 2009). Assim, tal perspectiva em torno do consumo de tecnologias de comunicação e informação torna-se rentável analiticamente na medida em que sedimenta a premissa, mola mestra dos estudos emergentes a respeito dos telefones celulares nas Ciências Sociais, de que seu interesse residem para bem além de um mero aparelho para se fazer e receber chamadas.

Embora estudos que visem articular a reflexão sobre as tecnologias de comunicação e informação com o exercício das emoções ainda estejam em estado bastante inicial, acredito que as histórias das emoções vividas por homens e mulheres, pais e filhos do Morro São Jorge *com e através* do consumo de telefones celulares demonstre seu papel na mediação das emoções nas redes sociais da comunidade pesquisada. Nesse registro, espero as reflexões aqui apresentadas, fruto de minha pesquisa etnográfica no Morro São Jorge, possam servir de subsídio para uma discussão que começa a tomar corpo: a do papel da tecnologia no exercício das emoções.

## Referências

ARILHA, Margareth. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 51 – 78.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society**: a global perspective. Cambridge: MIT Press, 2007.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FORTUNATI, Leopoldina; VINCENT, Jane. Introduction. In: FORTUNATI, Leopoldina; VINCENT, Jane. **Electronic Emotion**: the mediation of emotion via information and communication technologies. Oxford: Peter Lang, 2009.

HORST, Heather; MILLER, Daniel. *The Cell Phone*: an anthropology of communication. Oxford; Berg, 2006.

ITO, Mizuko; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa (eds.). **Personal, portable, pedestrian**: mobile phones in Japanese life. Chicago: The MIT Press, 2005.

LASEN, Amparo. **Affective Technologies**: emotions and mobile phones. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004. Disponível em: <[www.surrey.ac.uk/dwrc/Publications/AllPubs.pdf](http://www.surrey.ac.uk/dwrc/Publications/AllPubs.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

LING, Rich. **The Mobile Connection**: the cell phone’s impact on society. New York: Morgan Kaufman, 2004.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MILLER, Daniel. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MILLER, Daniel. **Stuff**. Cambridge: Polity, 2010.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. **Psicologia & Sociedade**, 18(3), set/dez. 2006, p. 88-96. Disponível em: <[www.scielo.com](http://www.scielo.com)> Acesso em: 20 jan. 2010.

SILVA, Sandra Rubia. Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 311-331.

SILVA, Sandra Rubia. “Meu celular é guerreiro”: apresentação de si, humanização e relações emotivas no consumo de telefones celulares. In: LAVRA; Michele; PACHECHO, Janie; TOALDO, Mariângela. **Juventude, Consumo & Educação 3**: uma perspectiva plural. Porto Alegre: Ed. ESPM, 2010 (no prelo).